

Uma introdução à tipologia de David Keirsey

Jean Lauand
(org.)

Uma introdução à tipologia
de David Keirse

com estudos de:
Sylvio R. G. Horta;
João Sérgio Lauand
e Enio Starosky


FACTASH EDITORA

CEMOrOc
EDF-FEUSP

São Paulo
– 2018 –

Copyright © by Jean Lauand, 2018
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros
quaisquer, sem autorização prévia do organizador.

Capa e Projeto Gráfico:
Tarlei E. de Oliveira

Ilustração de capa:
<http://www.howdesign.com/design-creativity/9-free-patterns-backgrounds/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Lauand, Jean (org.)
Uma introdução à tipologia de David Keirse. Jean Lauand (org.) : vários
autores São Paulo: Factash Editora, 2018.
101 p. 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-89909-88-4

1. Psicologia 2. Tipologia psicológica 3. Temperamentos. I. Título

CDU 159.923

Factash Editora
(11) 95877-8298 – factash@gmail.com

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

I – Introdução	7
1. As bases de David Keirsey	7
2. Nota sobre a metodologia dos tipos	12
3. “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey	13
II – Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T	17
1. O par E/I (Extroversão / Introversão)	17
2. O par S/N	22
3. As preferências: F x T	27
4. O par J/P	30
5. Nota antecipando os quatro temperamentos: SP, SJ, NF e NT	31
III – Os 4 temperamentos	33
1. Retrato do tipo SJ (Guardian)	33
2. Retrato do tipo SP (Artisan)	35
3. Retrato do tipo NF (Idealist)	37
4. Retrato do tipo NT (Rational)	39
IV – Os 16 tipos	43
1. Os quatro tipos SJ	43
1.1 ESTJ (Supervisor)	43
1.2 ISTJ (Inspector)	44
1.3 ESFJ (Provider)	45
1.4 ISFJ (Protector)	47
2. Os quatro tipos SP	49
2.1 ESFP (Performer)	49
2.2 ISTP (Crafters)	50

2.3 ISFP (Composer)	51
2.4 ESTP (Promoters)	52
3. Os quatro tipos NF	54
3.1 ENFJ (Teacher)	54
3.2 INFJ (Counselor)	55
3.3 ENFP (Champion)	57
3.4 INFP (Healer)	59
4. Os quatro tipos NT	62
4.1 INTP (Architect)	62
4.2 ENTP (Inventor)	63
4.3 INTJ (Mastermind)	65
4.4 ENTJ (Fieldmarshal)	67
V – Tipologia de Keirsey e três grandes clássicos da religião: Bento de Núrsia, Francisco de Assis e o apóstolo João (e uma nota sobre Confúcio e Laozi)	71
1. O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge. ...	71
2. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.	79
3. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina – um tipo INFP	84
4. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa ..	94
Referências bibliográficas	99

I – Introdução

Jean Lauand
João Sérgio Lauand

1. As bases de David Keirsey (DK) ¹

David Keirsey (1921-2013), um dos mais importantes psicólogos da atualidade, delineou sua teoria em dois livros fundamentais² – *Please Understand Me* (Keirsey, 1978; 4ª ed. 1984) (em espanhol *Por favor, comprendéme* – 1990); e *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence* (Keirsey, 1988). DK traz uma alternativa própria para a famosa classificação tipológica de Myers-Briggs, o MBTI.

Please Understand Me é seu livro fundamental, no qual apresenta os 4 temperamentos: SJ (*guardian*), SP (*artisan*), NF (*idealist*) e NT (*racional*). Cada um desses tipos admite 2 complementações (com o fator F/T ou J/P, conforme o caso, produzindo um total de 16 (sub)tipos (se associarmos o fator restante, do par E/I). Naturalmente, logo explicaremos o significado dessas letras.

Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e, traduzido em diversas línguas, já vendeu mais de 2 milhões e meio de exemplares³. *Please Understand*

1. Ao longo deste livro, introdutório, lançamos mão de alguns trechos de estudos anteriormente publicados.

2. Referências ao final do volume.

3. O dado procede do site oficial de Keirsey: <http://www.keirsey.com/keirseybooks.aspx>. Acesso em 05-09-17.

Me II – Temperament, Character, Intelligence, revê, amplia e aprofundando os temas do vol. I. Também esse vol. II já atingiu marcas milionárias de vendagem. Outro indicador da difusão da obra de DK: a consulta ao *Google*, combinando “Keirsey” e “temperament”, supera os 128.000 sites (em 05-09-17).

A proposta de Keirsey, à primeira vista, muito semelhante à de Myers-Briggs, acaba por identificar 16 tipos: 4 variantes para cada um dos 4 temperamentos (SJ, SP, NF, NT); esta sim a ênfase de DK: centrar seus estudos de personalidade na velha teoria dos temperamentos, naturalmente em versão totalmente renovada e atual.

DK retoma – a partir dos *Tipos Psicológicos* de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora de *Please Understand Me*) – a doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora DK se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças.

Seja como for, o site oficial de Keirsey define:

TEMPERAMENT is a configuration of observable personality traits, such as habits of communication, patterns of action, and sets of characteristic attitudes, values, and talents. It also encompasses personal needs, the kinds of contributions that individuals make in the workplace, and the roles they play in society. Dr. David Keirsey has identified mankind's four basic temperaments as the Artisan, the Guardian, the Rational, and the Idealist.

Each temperament has its own unique qualities and shortcomings, strengths and challenges. What accounts for these differences? To use the idea of Temperament most effectively, it is important to understand that the

four temperaments are not simply arbitrary collections of characteristics, but spring from an interaction of the two basic dimensions of human behavior: our communication and our action, our words and our deeds, or, simply, *WHAT WE SAY* and *WHAT WE DO*⁴

A base da proposta de Myers-Briggs e da de DK são os pares de fatores apresentados por Jung em sua clássica obra *Tipos Psicológicos*, de 1921, mesmo ano em que nasceu DK.

Não é nosso propósito aqui detalhar a história desses fatores de Jung a Keirsey, mas, na perspectiva de um guia prático, simplesmente apresentar alguns subsídios que facilitem a identificação desses 4 pares de preferências (designados por E/I, S/N, F/T, J/P) para compreender os 4 temperamentos que resultam de particulares combinações desses elementos – SJ, SP, NF e NT – e, finalmente, os 16 tipos de sua teoria, que – guardadas as devidas distinções – coincidem com os de Myers-Briggs, embora haja diferenças de embasamento e tratamento teórico. Não entraremos nas discussões teóricas (por vezes intrincadas) nem nas diferenças de enfoque das duas “religiões”: Keirsey e MBTI (a distinta ênfase no par E/I; a base nos temperamentos etc.), mas procuraremos somente ajudar a identificar concretamente o material que constitui a “sopa de letrinhas” da teoria de Keirsey, atendo-nos apenas precisamente às letras abrevia-

4. http://www.keirsey.com/4temps/overview_temperaments.asp. Acesso em 05-09-17.

doras, sem utilizarmos os nomes que Keirseley aplica a cada fator, temperamento ou tipo.

Cabem aqui duas observações prévias:

1. Ao contrário de DK, optamos por identificar fatores, temperamentos e tipos, por árido que isto possa parecer, somente por letras em vez de pelos nomes que DK associa a eles. Essa perspectiva parece-nos mais apropriada, pois esses nomes podem, frequentemente, mais desorientar o leitor do que ajudá-lo. Por exemplo, o par de preferências J/P; J de Julgamento e P de Percepção requereriam explicações, complicadas e (pelo menos) inúteis para o principiante.

A valiosa contribuição de DK não está em dar nomes para batizar os tipos (talvez uma tentativa de deixar sua marca nos estudos de tipos psicológicos): em nossas aulas, procuramos evitar esses nomes, pois podem antes, em alguma medida, confundir os alunos: por exemplo o *Champion* (ENFP) nos remete mais ao futebol do que a um El Cid ou cavaleiro medieval; e seria complicado assumir *Teacher* como o ENFJ, quando o próprio DK insiste em que a maioria dos *teachers* são SJ...

A grande contribuição de DK, parece-nos, está mais em agrupar os 16 tipos em torno a 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. E na centralização do par S/N para a constituição dos temperamentos.

2. Naturalmente, para um psicólogo, os *royalties* do uso de um *Sorter* são decisivos, mas preferimos propiciar o reconhecimento de cada tipo em uma abordagem discursiva, em diálogo com os alunos. O *Keirseley Temperament Sorter*

não nos parece o meio mais adequado para identificação dos tipos: esse questionário apresenta vários pontos fracos e um em especial: a formulação de questões que identifiquem o fator N, no par S / N (**S**ensible x **iN**tuition), tanto mais que a oposição S / N é a central para a definição dos 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. Na verdade, não se trata só de uma dificuldade do questionário, mas da dificuldade de compreensão da preferência N. Enquanto os fatores I/E; J/P e F/T são de relativa fácil compreensão, o par S/N pode levar a equívocos e sendo o primeiro passo para a caracterização dos tipos, pode comprometer toda a análise: qual o brasileiro, por mais S (sensato, realista, como veremos) que seja, não se considera “intuitivo”?

Não se trata só de tradução, mas o próprio teste de Keirsey nem sempre é de fácil compreensão: o que significa, por exemplo, a questão 31 do *Sorter*?

- Children often do not
- (a) Make themselves useful enough
 - (b) Exercise their fantasy enough

Ou ao ser perguntado:

- 65 – In stories do you prefer
- (a) action and adventure
 - (b) fantasy and heroism

o entrevistado pode muito bem considerar “ação e aventura” como não incompatíveis com “heroísmo”...

2. Nota sobre a metodologia dos tipos

Também aqui não nos aventuraremos nos meandros das sutilezas teóricas dos tipos, do *Idealtypus* e da tipologia em geral.

Para já, baste-nos com reafirmar que o uso que faremos dessas preferências, temperamentos e tipos está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica. Deve-se reconhecer sempre:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade etc. E ter em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é só *UM* fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá,

acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é NÃO italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

3. “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey

Parece-nos que o melhor modo de apresentar a visão keirseyan de temperamento é por meio de uma comparação: o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição – em nível original e superior – da união de dois “átomos” de preferências básicas.

Para DK os temperamentos se configuram, assim, como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (**S**ensible ou **iN**tuition): S – para adiantarmos um pouco do estudo em II – é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Já o N vê as possibilidades, o futuro. Ou no dizer de M. L. Ramos da Silva:

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada

em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. Por essa razão, trabalha principalmente no tempo futuro e com ideias complexas, procurando organizá-las num todo harmônico. Essas visões e intuições podem manifestar-se em qualquer âmbito do conhecimento, como na filosofia, nas artes e na vida social. A pessoa realista também possui intuições, mas como não lhes dá muita importância, ignorando-as e não confiando nelas, estas acabam por ficar estáticas e paralisadas. Por outro lado, a pessoa intuitiva, como tende a ignorar a realidade, acaba perdendo contato com o ambiente que a cerca. O intuitivo vive na antecipação: tudo o que é, é percebido apenas como um ponto de referência e, por essa razão, experimenta frequentemente uma vaga sensação de insatisfação e de inquietude, aborrecido com a realidade presente, já que está sempre voltado para as possibilidades de mudança ou de aperfeiçoamento do real. Consequentemente, pode passar de uma atividade a outra sem terminar nenhuma delas. Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, “voadora”. A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito “pés no chão” (...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-

chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação⁵.

Uma vez estabelecida essa primeira distinção (S/N), se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ.

P, também antecipando, é a preferência por situações abertas; já a preferência J é pela decisão tomada, procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas etc.

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos, assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal e sensível (F de *Feeling*) em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*).

Com a combinação desses 4 temperamentos com as preferências I/E e o outro par surgirão 16 (sub) tipos (ou, em outras análises de Keirsey, que desconsideram o par E/I, 8 (sub)tipos).

5. Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 39-40.

II – Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T

Jean Lauand

1. O par E/I (Extroversão / Introversão)

Na perspectiva de um “guia prático”, à margem dos detalhes técnicos da caracterização dessas preferências e resumindo ao máximo, o tipo E recarrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o I (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “*la gente*”, com muitas pessoas e desconhecidas (Keirsey 1984, p. 14). Sendo E a preferência da imensa maioria das pessoas (cerca de 80%), os padrões sociais de convivência consolidam essa tendência, dificultando ainda mais as coisas para a minoria I, sobretudo no Brasil, de acentuada *vigencia* (para usar o clássico conceito de Ortega y Gasset) E: cf. p. ex.: (LAUAND, Jean 2013) e (LAUAND, Jean 2004).

Ninguém melhor do que Julián Marías para recordarmos o significado e o alcance das vigências em nossa vida:

A sociedade exerce uma grande pressão. Em alguns sentidos trata-se de uma pressão difusa: é a pressão que exercem as vigências, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades.

É evidente que a sociedade me dá já prontas muitas soluções para problemas como por exemplo o que se deve vestir. Se cada vez eu tivesse que inventar a roupa que vou usar, isso seria bastante complicado, daria muito trabalho..., mas há um uso social, as pessoas se vestem de certo modo: para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (sei lá, alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha..., mas, enfim, há um padrão geral).

Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são muito importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na refeição matinal. Eu me lembro, por exemplo, que nos Estados Unidos é muito frequente comer ovos no *breakfast* – eu os comia e me parecia ótimo. Mas era difícil conseguir ovos na hora do almoço ou do jantar, não era comum, porque não era costume: em geral as pessoas comiam os ovos de manhã, no desjejum. Se em algum lugar qualquer da Espanha alguém pedir sardinhas para o café-da-manhã... terá certamente problemas; agora, se quiser um café com leite ou algo parecido, então será muito mais fácil...

Portanto, isso que por um lado automatiza a vida, por outro, a facilita. Trata-se de uma pressão, repito, ambiental, difusa, mas que condiciona os modos de vida.⁶

Pense-se, por exemplo, na tortura que são para o I as vigências que regulam as festas e reuniões, em sua existência, faixa de duração, grau de exposição social etc.

6. Mariás, J. “A Moralidade Coletiva”, conferência proferida em Madrid em 15-04-98, em: http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

Existência. O I se pergunta: onde é que está escrito que deva haver, por exemplo, (ao menos no formato vigente) festas de formatura?! (E as há não só para a conclusão de curso superior, mas também para ensino médio e fundamental e, mais recentemente, até de educação infantil!!). Por mais que se esforce, o I não consegue encontrar um único argumento racional que justifique a existência dessas festas (em todo caso, que durassem no máximo meia hora), com os sacrifícios que ela costuma trazer consigo: não só a dificuldade de deslocar-se, estacionar, passar horas aguentando intermináveis discursos e as breguices dos mestres de cerimônia contratados, as brincadeiras tolas dos formandos... Tudo isto para depois entrar na fila da felicitação e no final da cerimônia, ir comer uma pizza⁷ com a família do novo graduado etc. Mas é a vigência. Vigência que vige e obriga a arrumar uma boa desculpa – se queremos preservar a amizade – para poder escapar.

Vigência que se fortalece e se estende impondo o comparecimento a celebrações de parentes não tão próximos e mesmo a meros conhecidos. Em vão o I tentará defender sua fobia diante da pressão da autoridade do cônjuge, ou dos pais (ou filhos...) etc.; autoridade avalizada pela vigência das reuniões sociais.

O quadro se mostra mais grave quando lembramos o dado de Keirsey: I costuma casar com E... E se o I for criança, é muito frequente que tenha pai e mãe E... É oportuno regis-

7. Aliás, a própria pizza, já é algo que puxa para a extroversão. Uma pizza (pelo menos as paulistanas), em geral, requer ao menos três pessoas para consumi-la. Daí a expressão “acabar em pizza”, para designar a reconciliação de adversários em torno da comida comunitária.

trar, desde já, que o I não tem nada contra as festas ou reuniões em si, tomadas de modo puramente abstrato: se os E gostam dessas reuniões, que as organizem e façam bom proveito... Mas, nas formatações vigentes, pelo amor de Deus: “me poupe”, “me risca” “me inclui fora dessa”, “deixem-me em paz!”.

O mesmo sofrimento atormenta o I no fim do ano: a vigência de ter de externar desejos de boas festas para uma multidão de parentes, colegas, vizinhos e profissionais que saem do anonimato nessa época. Em períodos normais, o I defende-se, ou tenta se defender por meio de todo um complexo sistema de “sensores” e “radares” pessoais, que o leva a esquivar-se de cruzar com as multidões (tenha-se em conta que, em alguns casos, duas ou três pessoas – ou até uma só – são, para ele, multidão): ele não se importa por exemplo de chegar ao trabalho antes da massa dos colegas ou de entrar por portas menos frequentadas, tomar o cafezinho mais frio, mas longe da multidão, etc. tudo para subtrair-se à “social”, que, para os outros, é fonte de prazer.

Não que o I não se importe com os colegas; talvez até nutra por eles uma solicitude e um afeto mais profundos do que o dos E; afeto cultivado no recolhimento de sua personalidade. Mas uma coisa é gostar das pessoas; e outra, muito diferente, é ter de ficar indagando (e sendo indagado...) por assuntos de caráter privado ou que não interessam (ou não deviam interessar) senão à esfera pessoal de cada um. Sua territorialidade. Claro que ele fica contente em saber, digamos, que o colega descansou no carnaval e passou dias maravilhosos na pousada tal; e agradecerá sinceramente a dica de viagem etc. Mas daí a ter de ficar percorrendo todas as fotos

do celular ou respondendo a interrogatório sobre onde ele mesmo passou esses dias (e com quem, saiu fantasiado do quê etc.) há anos luz de distância.

Mas voltemos às festas de fim de ano. Quando chega o fim do ano, a vigência da forma da festa de Natal, obrigá-lo-á a aguentar toda a parentada (de primeiro, segundo e terceiro graus) além de ter de interagir com desconhecidos que passaram a integrar o clã (o marido da prima Fulana, a namorada de Sicrano etc.). Isso para não falar de clãs que se estendem para as colônias do país de origem dos avós, grupos de oração, a turma do jogo de bocha etc.

As vigências de duração. Quinze minutos ou meia hora de permanência numa festa seria o que o I naturalmente poderia suportar, mas ele pode se sujeitar a ficar mais tempo porque seria extremamente trabalhoso inventar desculpas e tentar sair antes das duas ou três horas “normais”, o mínimo permitido pela vigência... A tentativa de justificar a saída “precoce” poderia até causar penosos dissabores para o I: o E dono da festa poderia vingar-se denunciando em altas vozes a tentativa de fuga e expondo ainda mais o I.

É evidente que um Amyr Klink, capaz de passar um ano sozinho em sua embarcação, ou um João Gilberto, outro proverbial I, estão no extremo oposto dos E de carteirinha, como, digamos, uma Hebe Camargo, que se energizam precisamente na sociabilidade.

Eu, como acentuadamente I, sempre sofri com um determinado exagero da *vigência* E brasileira (associada ao nosso, também transbordante, fator F) nas missas em que tinha que viver uma experiência de transbordamentos E e F tupiniquins.

O católico brasileiro, instalado em sua *vigência* E, ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade” –, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”. *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de meio minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me terrivelmente deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, fungado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... Para felicidade dos I, recentemente o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: evitando o deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar”.

2. O par S/N

Keirse (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da

experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos, antecipando já um pouco os temperamentos.

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Quando éramos crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: “– Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “– Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais”.

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: “Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil”, indagou: “– Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?”

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervem nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resulta-

dos para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

Exultação é ir-se a alma

Do interior para o mar,
Passando casas – promontórios
– Até a vasta Eternidade –
Como nós, dentre montanhas,
Pode o marujo entender
A divina embriaguez
Que é o desligar-se da terra
Pela primeira vez?

(http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra:

De vez em quando Deus me tira a poesia
Olho pedra e vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela a jovem Joana D’Arc, que Keirsey apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes
vaches pendant ce temps-là?

Nessa mesma linha de confronto NF x S, recorro um caso (uma piada ou talvez *una anecdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente) que me foi contada, há mais de trinta anos, por um ilustre pesquisador, sábio beneditino, ISTJ, S ao extremo:

Uma vez “fui”⁸ celebrar missa para freiras jovens,
neuróticas, e fiquei para almoçar:
– Irmã, poderia passar o pão?

8. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa. Mas, como diz Keirsey, um ISTJ, se se encontra só com homens amigos pode permitir-se “expressar-se de modo distinto do que o que usa normalmente” (1990, p. 218).

– O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!

– (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?

– O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)

– Aí eu aponte para uma berinjela e quase falei: – Irmã, poderia me passar o saco do São Benedito?

A mesma “complicação” N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de trans-viado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar (SARTRE, 2005 s/p).

3. As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (**F** de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência **T** (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se sente e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t **think** any more, they **feel**. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and **I think I am fine**”.

Esse fator F perpassa todos os aspectos da conduta do brasileiro (tipicamente ESFP), como é o caso da vivência do tempo. A tese de Gilberto Freyre em: *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo

vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (*Hispanoamerica*, Madri, Alianza, 1986, p. 350). Marías exemplifica com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Um caso emblemático desse fator F do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina – a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

É a sensibilidade, o cuidado para com a pessoa que levou a linguagem F brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da ImunoDeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

No caso da lepra, a citada Dra. Maria Leide de Oliveira aponta as disfunções da ternura eufemística brasileira:

Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia,

dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

4. O par J/P

Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Curiosamente, o cineasta Michael Moore associa implicitamente o par S/J a preferências políticas. Pouco antes das eleições, ele gravou um stand up – Moore in Trumpland – na cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump. Dirigindo-se a eles, disse:

You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They’re up at 5:00 in the morning a lot. The only time we see 5:00 in the morning is when we’ve been up partying all night. That’s—that’s 5:00 in the morning. Yeah, right.

Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight—a brother, a father, an uncle, a brother-in-law, a sister—not a sister, I know. I just threw that in there (só joguei para chamar a atenção). And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative—they’ve got little hooks in the—by the back door, with a label on each hook. That’s my beamer (BMW) key. That’s my F-150 key. That’s the key

for the car Matthew McConaughey (Oscar 2014 hoax q apoiou Trump) drives. Our side, we're like—this is how we—this is how we sound. This is how we sound: “So, uh, where do you want to go eat tonight?” “I don't care. Where do you want to go?” “I don't know, wherever you want to go.” “No, no, no, no, you picked last time.” “No, I—seriously, wherever you want.” This is like—this is like—the conservatives, they're like, “Get in the car! We're going to Outback! Get in there!” Decisive! Organized! Disciplined! You've got to admire that about them.

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”...

5. Nota antecipando os quatro temperamentos: SP, SJ, NF e NT

Nunca é demais insistir em que os temperamentos são neutros do ponto de vista ético: pode-se ser santo ou safado sendo qualquer um deles: o paladino mundial da paz Sérgio Vieira de Mello era tanto ESTP quanto Donald Trump...

Os SP, tipicamente falando, são movidos a ação e impulso (para eles é dirigido o slogan da Nike “Just do it!”), são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora” (“carpe diem” ou a canção “Paradise is here” de Tina Turner, com seu refrão “Right now!”). Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ, tipicamente falando, são movidos a dever e

responsabilidade. Confiam na experiência (o que lhes dá também uma tendência ao pessimismo: se Vasco da Gama é SP – navegar é preciso – o velho do Restelo é SJ, com seu saber de experiências feito). Prezam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiães de regras.

O NF anseia por encontrar o (enigmático) sentido humano e do seu self, como na canção “Eu caçador de mim” de Milton Nascimento.

Já o frio NT, como vimos anteriormente, procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade. Em um quadrinho absolutamente genial revela-se o *deep down* de Tio Patinhas (típico ENTJ). Patinhas visita os túmulos de seus antepassados e manifesta que o dinheiro não é a última razão de sua vida, mas sim o percorrer o mundo para explorar as possibilidades que desafiam a inteligência (a pedra de Adélia pode esconder todo um império de recursos de petróleo; uma bela paisagem pode sugerir uma incorporação imobiliária etc.)

A seguir, apresentaremos, a partir do site de DK, os 4 temperamentos e cada um dos 16 tipos de Keirsey.

III – Os 4 temperamentos

(em <http://www.keirseey.com/> – trad. Michel Nahas Filho)

1. Retrato do tipo SJ (*Guardian*)

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

Os SJ podem se divertir muito com seus amigos, mas são muito sérios em seus deveres e responsabilidades.

Orgulham-se de serem confiáveis e pessoas em quem se pode acreditar: se há um trabalho a ser feito, querem que se conte com eles para arregañar as mangas e meter a mão na massa.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. Provavelmente é por isso que respeitam costumes e tradições tão intensamente, pois acreditam que estes são padrões familiares a todos que ajudam a trazer estabilidade a esse mundo moderno e acelerado em suas mudanças.

Práticos e com o pé no chão, os SJ acreditam em seguir as regras e cooperar com os outros. Eles não se sentem confortáveis em “viajar” em seus pensamentos ou empreender novas rotas: trabalhar continuamente dentro do sistema é o seu método, porque a longo prazo fidelidade, disciplina, e trabalho em equipe traz resultados e assegura um trabalho feito corretamente. São meticulosos quanto a suas programações e têm um olhar aguçado quanto aos procedimentos corretos. São cautelosos em relação a mudanças, embora sejam conscientes que mudanças podem ser saudáveis para uma instituição. É melhor ir devagar, eles dizem, e olhar bem antes de dar um salto. Os SJ perfazem de 40 a 45 por cento da população, o que é uma boa coisa, porque no final eles acabam fazendo todos os trabalhos indispensáveis, e normalmente não reconhecidos, com que o resto da população conta, mesmo que nem notem.

2. Retrato do tipo SP (*Artisan*)

Os SP são do tipo de temperamento com capacidade natural para sobressair em qualquer arte [Keirsej os denomina *Artisans*], entretanto não só em belas artes (*fine arts*) como pintura e escultura, mas também nas artes de performance, como música, teatro ou dança, mas ainda nas “artes”: atlética, militar, política, mecânica e industrial, bem como na “arte” dos negócios.

Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

Os SP estão à vontade com o mundo real de objetos sólidos que podem ser criados e manipulados, bem como em eventos “da vida real” que podem ser vividos aqui e agora. Os SP têm os sentidos muito aguçados e adoram trabalhos manuais. Eles estão confortáveis usando instrumentos e ferramentas, veículos de todos os tipos, e suas ações são normalmente dirigidas a levá-los aonde eles desejam ir, tão rapidamente quanto possível. Assim, são capazes de

corajosamente tomarem caminhos que os outros podem achar exageradamente arriscados ou mesmo impossíveis, fazendo o que for necessário, seguindo regras, ou não, para atingirem seus objetivos. Esta atitude de “meter as caras” também dá aos SP um ar de vencedores e são considerados irresistivelmente charmosos com a família, amigos e colegas de trabalho.

Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

Existem muitos SP, talvez 30 ou 35 por cento da população, o que é bom, porque eles criam muito do belo, da graça da excitação que o resto de nós aproveitamos.

3. Retrato do tipo NF (*Idealist*)

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser – esta constante busca pelo auto conhecimento e auto desenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dádivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

Os NF “têm certeza” de que uma cooperação amigável é o melhor método para as pessoas atingirem seus objetivos. Conflito e confrontação os transtornam porque colocam barreiras de ira entre as pessoas.

Sonham em criar relações pessoais carinhosas e harmoniosas e têm um talento especial em ajudar as pessoas a se relacionarem bem uns com os outros e a trabalhar juntos para o bem de todos. Esta harmonia interpessoal pode ser vista como um ideal romântico, mas, afinal, os NF são românticos incuráveis que preferem focar no que poderia ser, em lugar da realidade de fato.

O mundo real, o mundo prático, para os NF, é tão somente um ponto de partida; eles acreditam que a vida é cheia de possibilidades à espera de serem realizadas, enriquecida de sentidos clamando para serem compreendidos. Esta noção de uma dimensão mística ou espiritual da vida, não visível, ou não ainda realizada que só pode ser conhecida através da intuição, ou de um “salto de fé”, é muito mais importante para os NF do que o mundo de coisas materiais.

Altamente éticos em suas ações os NF se mantêm em um padrão rígido de integridade pessoal. Eles precisam ser verdadeiros, para si mesmos e para os outros, e por isso podem ser bem duros consigo mesmos quando são desonestos, ou falsos, ou insinceros. Mais frequentemente, no entanto, são a própria essência da gentileza. Particularmente em suas relações pessoais, os NF são indubitavelmente cheios de amor e boa vontade. Acreditam em se doar para ajudar aos outros. Eles cultivam poucas amizades, mas calorosas e significativas. Eles buscam uma comunicação/re-lação especial com seus filhos; no casamento eles procuram pela “alma gêmea”, alguém com quem eles podem conectar-se emocional e espiritualmente, compartilhando seus mais profundos sentimentos e seus complexos mundos interiores.

Os NF são relativamente raros, compondo não mais de 15 a 20 por cento da população. No entanto sua habilidade de inspirar pessoas com seu entusiasmo e seu idealismo, tem provocado uma influência muito além de seus números.

4. Retrato do tipo NT (*Rational*)

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- Tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- Orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.

9. *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rational*s).

- São cônjuges razoáveis⁹, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- São ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. Eles estão interessados nas soluções mais eficientes possíveis, e ouvirão a qualquer um que tenha algo de útil para ensiná-los, enquanto ignoram qualquer autoridade ou procedimento habitual que desperdice tempo e recursos.

Os NT têm uma fome insaciável de alcançar seus objetivos e trabalharão sem descanso em qualquer projeto a que dedicarem suas mentes. Eles são rigorosamente lógicos e implacavelmente independentes quanto a seu pensamento – são de fato céticos em relação a quaisquer ideias pré-concebidas, inclusive as suas próprias – e acreditam que podem superar qualquer obstáculo com sua força de vontade. Frequentemente são vistos como frios e distantes, mas isso na realidade reflete a concentração em que estão absorvidos ao atacar o problema em que estão trabalhando. Seja projetando um arranha céu ou um experimento, desenvolvendo uma teoria ou a tecnologia de um protótipo, construindo

uma aeronave, uma corporação, ou uma aliança estratégica, os NT valorizam a inteligência, em si mesmos e nos outros; eles se orgulham da engenhosidade com que contribuem para a resolução de problemas.

Os NT são bastante raros, constituindo os poucos 5 a 10 por cento da população. No entanto por sua atração e entusiasmo em destravar os segredos da natureza, e em desenvolver novas tecnologias, eles fizeram e fazem muito em termos de moldar o mundo em que vivemos.

IV – Os 16 tipos

1. Os quatro tipos SJ (em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

1.1 ESTJ (*Supervisor*)

≥ 10 % da pop. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avalizados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde

crianças, costumam ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais. Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham uma certa tendência a formalismos. São o que são (“normais”) e as pessoas facilmente os identificam como tais.

1.2 ISTJ (*Inspector*)

≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que

todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

1.3 ESFJ (*Provider*)

≥ 10 % da pop. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para

que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente volta-se para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

1.4 ISFJ (*Protector*)

≤ 10 % da pop. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros.

Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

2. Os quatro tipos SP

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

2.1 ESFP (*Performer*)

- ≥ 10 % da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vividos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências.

Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

2.2 ISTP (*Crafters*)

- ≤ 10 % da pop. A natureza dos ISTPs se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, ISTPs amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não é fácil conhecer os ISTPs: talvez porque tendam

a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para concertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

2.3 ISFP (*Composer*)

- ≤ 10 % da pop. Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se

perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

2.4 ESTP (*Promoters*)

- $\geq 10\%$ da pop. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes nego-

ciadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas. Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

3. Os quatro tipos NF

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Rita de Cassia Scocca Luckner)

3.1 ENFJ (*Teacher*)

Mais que os outros idealistas, os ENFJ tem um talento natural para conduzir alunos ou estagiários à aprendizagem, ou como os Idealistas gostam de pensar, eles são capazes de colocar cada aluno diante das próprias potencialidades. Os ENFJ (cerca de dois por cento da população) podem sem esforço, ao que parece, e quase que indefinidamente, elaborar atividades de aprendizagens fascinantes para engajarem os alunos nisso. Em alguns ENFJ, essa capacidade de inflamar a imaginação pode ser comparada a uma espécie de genialidade que os outros tipos acham difícil reproduzir. Mas talvez, a maior força deles encontra-se na crença que eles possuem nos alunos. Os ENFJ procuram o melhor em seus alunos e deixam claro que cada um tem um potencial incalculável, e essa confiança pode inspirar os alunos a crescerem e desenvolverem mais do que eles possam imaginar que seja possível.

Qualquer que seja o campo escolhido por eles, os ENFJ consideram as pessoas a maior prioridade, e instintivamente eles transmitem uma preocupação pessoal e disposição para se envolverem. Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face. E eles não hesitam ao falar e demonstrar seus sentimentos. Transbordando entusiasmo, os ENFJ irão expressar suas

paixões com dramaticidade, e podem, com a prática, se tornarem palestrantes carismáticos. Essa habilidade verbal dá aos ENFJ uma boa dose de influência em atividades coletivas, e eles são frequentemente convidados a assumir um papel de liderança. Os ENFJ gostam de organização e irão agendar seu horário de trabalho e compromissos sociais bem antes do tempo, por causa disso, eles são absolutamente confiáveis para honrarem esses compromissos. Por valorizarem a cooperação interpessoal e as relações harmoniosas, os ENFJ são extremamente tolerantes com os outros, são fáceis de conviver e são, geralmente, populares onde quer que estejam. Os ENFJ são bastante compassivos aos outros, o que significa dizer que a intuição deles tende a ser bem desenvolvida. Certamente a visão deles sobre si e sobre os outros é incomparável. Sem dúvida, eles sabem o que está acontecendo dentro deles mesmos e eles podem ler outras pessoas com uma precisão fantástica. Os ENFJ facilmente se conectam aos outros, e efetivamente, captam as características, emoções e crenças daqueles que os cercam. Porque eles, quase que inconscientemente, conseguem se colocar no lugar do outro, e dessa forma, os ENFJ sentem-se estreitamente ligados às pessoas ao seu redor, e demonstram um sincero interesse pelas alegrias e problemas de seus funcionários, colegas, estudantes, clientes e entes queridos.

3.2 INFJ (*Counselor*)

Os INFJ tem um desejo excepcionalmente forte para contribuir com o bem estar dos outros, e encontram grande

satisfação pessoal em interagir com as pessoas, estimulam o desenvolvimento pessoal, orientando-as a perceber o potencial humano que elas possuem. Embora sejam felizes trabalhando em posições (tais como a de escritor) que requer solidão e muita atenção, os INFJ trabalham muito bem com pessoas ou com grupos de pessoas, desde que as interações pessoais não sejam superficiais e que, de vez em quando eles encontrem um tempo pessoal para recarregar as baterias. Os INFJ são tanto gentis como positivos ao lidarem com os outros; eles são ótimos ouvintes e parecem naturalmente interessados em ajudar as pessoas com problemas pessoais. Geralmente, os INFJ não demonstram a liderança, e preferem trabalhar com pessoas próximas a eles, especialmente em bases individualizadas, exercendo a sua influência nos bastidores.

Os INFJ são minoria, pouco mais de três por cento da população, e pode ser difícil reconhecê-los, uma vez que eles tendem a não compartilhar seus pensamentos mais íntimos ou reações emocionais fortes, exceto com seus entes queridos. Eles são pessoas muito reservadas, com uma vida interior extraordinariamente rica e complexa. Amigos ou colegas, que os conhecem por anos, podem se surpreender ao se depararem com um lado desconhecido dele.

Não que os INFJ sejam volúveis ou dispersos, eles realmente valorizam sua integridade, mas têm personalidade misteriosa, primorosamente tecida, que às vezes confundem até mesmo eles.

Os INFJ tendem a trabalhar de forma eficaz em organizações. Eles valorizam a harmonia da equipe, e não medem esforços para ajudar uma organização a funcionar

perfeitamente. Eles compreendem e utilizam recursos humanos criativamente, são bons em consultar e cooperar com os outros. Como empregado ou empregador, os INFJ são preocupados com os sentimentos das pessoas, e são capazes de agir como um barômetro dos sentimentos dentro da organização.

Abençoados com uma imaginação vívida, os INFJ são vistos muitas vezes como os mais poéticos de todos os tipos, e de fato eles usam muitas imagens poéticas em sua linguagem cotidiana. Seu grande talento para a linguagem – tanto escrita como falada – normalmente é direcionada para se comunicar com pessoas de uma forma personalizada. Os INFJ são altamente intuitivos e podem reconhecer as emoções e intenções do outro – boas ou más – mesmo antes que a pessoa esteja ciente delas. Os próprios INFJ dificilmente podem dizer como chegaram a ler os sentimentos dos outros tão profundamente. Essa extrema sensibilidade para outros pode muito bem ser a base da notável capacidade do Conselheiro de experimentar toda uma gama de fenômenos psíquicos.

3.3 ENFP (*Champion*)

Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a

vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo. Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos.

Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos.

Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falarem em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam.

3.4 INFP (*Healer*)

Os INFP apresentam um semblante calmo e sereno para o mundo, e podem parecer tímidos e distantes. Mas na verdade, em seu interior não são nada serenos e possuem uma capacidade pessoal de cuidar das pessoas que, raramente é encontrada nos demais tipos. Os INFP se preocupam profundamente com a vida interior de algumas poucas pessoas em especial, ou com uma causa mundial em geral. E a grande paixão deles é cuidar dos conflitos que afligem os indivíduos, ou separar grupos, e assim, trazer integridade, ou uma via saudável para si mesmos, para seus entes queridos e para a comunidade.

Os INFP têm um profundo senso de idealismo que vem de uma forte percepção do que é certo e errado. Eles interpretam o mundo como um lugar de ética e honra; repleto de ótimas possibilidades e grande potencial. Na verdade, para

entendermos os INFP precisamos compreender que seu engajamento com o que é positivo e bom é quase altruísta e ilimitado, e isso os inspira a inimagináveis sacrifícios por alguém ou algo do qual acreditam. Ao se manterem longe do resto da humanidade, os INFP podem se sentir ainda mais isolados pela pureza de seu idealismo.

Além disso, por serem muitas vezes incompreendidos na infância, os INFP tendem a ter uma sensação de separação. Os INFP vivem uma infância de fantasia e imaginação, eles são como príncipes ou princesas dos contos de fadas, fato que é, infelizmente, muitas vezes motivo de desaprovação ou até mesmo punição por parte de muitos pais. Como os pais querem manter as mentes deles fora das nuvens, os INFP passam a acreditar que são ruins por serem tão fantasiosos e sonhadores, e começam a ser sentidos como patinhos feios. Na verdade, estão bem do jeito que são; apenas diferentes da maioria – cisnes criados em uma família de patos.

No trabalho, os INFP são pessoas bem adaptáveis, receptivas às novas ideias e informações, são pacientes ao lidarem com situações complicadas, porém, são impacientes com detalhes de rotina. Os INFP têm plena consciência das pessoas e de seus sentimentos, e se relacionam bem com os outros. No entanto, por serem reservados, podem se sentir felizes ao trabalharem sozinhos. Ao tomarem decisões, os INFP seguem o coração ao invés da razão, o que significa que eles podem cometer erros em relação ao fato, porém raramente em relação ao sentimento. Eles têm um interesse natural para atividades acadêmicas, e como os outros idealistas, têm uma notável facilidade com a linguagem. Eles

têm dom para interpretar histórias, assim como para criá-las, dessa forma, muitas vezes escrevem em forma poética. Frequentemente estão à disposição para sair pelo mundo a ajudar aos outros quando são chamados, mesmo que para isso precisem sacrificar seu próprio conforto.

4. Os quatro tipos NT

(em <http://www.keirsej.com/> trad. Ariadne Guimarães Dias)

4.1 INTP (*Architect*)

Os INTPs não precisam ser identificados como unicamente interessados em plantas para prédios, estradas ou pontes. Eles são mestres do design de todos os tipos de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias corporativas e novas tecnologias. Para eles, o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é mais matéria prima a ser organizada em modelos estruturais. O que é importante para os INTPs é a captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus designs sejam elegantes, eficientes e coerentes.

Os INTPs são raros – cerca de 1% da população – e, mais do que qualquer outro tipo, manifestam a maior precisão em pensamento e fala. Tendem a perceber distinções e inconsistências instantaneamente e podem detectar contradições não importa quando ou onde elas ocorram. É difícil para um INTP ouvir coisas sem sentido, mesmo em uma conversa casual, sem apontar o erro do interlocutor. E em uma discussão séria ou debate são devastadores, sua habilidade em enquadrar os argumentos lhes proporciona uma vantagem enorme. INTPs consideram todas as discussões como uma busca de entendimento, e acreditam que sua função seja eliminar inconsistências, o que pode tornar a comunicação com eles uma experiência desconfortável para muitos.

Pragmatismo impiedoso sobre ideias e curiosidade insaciável levam os INTPs a encontrar os meios mais eficientes para atingir seus fins e eles apreenderão de todas as maneiras e níveis que eles puderem. Ouvirão amadores se suas ideias foram úteis, e vão ignorar especialistas se não o forem. Autoridade derivada de ofício, credenciais ou celebridade não os impressionam. INTPs são interessados somente no que faz sentido e, portanto, somente afirmações consistentes e coerentes são dignas de atenção.

INTPs muitas vezes são difíceis de conhecer. Eles tendem a ser tímidos, exceto com os amigos íntimos, e sua reserva é difícil de vencer. Com uma habilidade para a concentração maior que do qualquer outro tipo, eles preferem trabalhar em silêncio em seus computadores ou pranchetas, e geralmente sozinhos. Também tornam-se obcecados com a análise, e isso pode blindá-los do mundo. Uma vez capturado pelo pensamento, fecha-se e persevera até compreender a questão em sua complexidade. Eles valorizam a inteligência e, em seu grande desejo de compreender a estrutura do universo, podem parecer arrogantes e revelar alguma impaciência com os outros, menos habilitados ou interessados nesse propósito.

4.2 ENTP (*Inventor*)

ENTPs começam a construir engenhocas e mecanismos ainda na infância, e nunca param de fato, embora, como adultos, transformem sua inventividade em muitos tipos de organizações, tanto sociais quanto mecânicas. Não existem

muitos ENTPs, digamos 2% da população apenas, mas eles têm grande impacto em nosso cotidiano. Com suas inovações, espírito empreendedor, estão sempre à procura de uma solução melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos, processos. Sempre desejando construir “o novo pulo do gato”. São profundamente pragmáticos e geralmente se transformam em especialistas em encontrar modos mais eficazes de atingir seus objetivos. De todos os tipos são os que mais relutam em fazer coisas de um modo particular, somente porque este é o modo como as coisas têm sido feitas. Como resultado, eles muitas vezes trazem novas abordagens para seus trabalhos e afazeres. ENTPs são intensamente curiosos e continuamente sondam possibilidades, especialmente quando tentam resolver problemas complexos. São repletos de ideias, mas valorizam as ideias somente quando eles tornam possíveis ações e objetos possíveis. Assim, eles vêem o design do produto não como um fim em si, mas como um meio, um caminho de elaboração do protótipo que funciona e que pode ser trazido a mercado. ENTPs são confiantes em seu pragmatismo, contam com suas habilidades para encontrar formas e métodos eficazes, quando eles são necessários, ao invés de fazer um plano detalhado com antecedência. Uma ideia geral é tudo que eles precisam para se sentir pronto para entrar em ação.

Costumam ter um animado círculo de amigos e são interessados em suas ideias e atividades. São geralmente fáceis de lidar, raramente críticos ou implicantes. ENTPs podem ser conversadores animados, capazes de expressar suas ideias complexas e de seguir as ideias de outros. Quando questionam, no entanto, podem deliberadamente empregar

suas habilidades de debate para superar notoriamente seus oponentes.

Geralmente não são conformistas em seu local de trabalho e podem ser bem sucedidos em muitas áreas contanto que o emprego não envolva uma rotina monótona. Eles são bons líderes em projetos-piloto que testam sua engenhosidade. São hábeis na engenharia das relações e sistemas humanos, captam rapidamente a política das instituições e sempre querem entender as pessoas dentro do sistema, em vez de lhes dizer o que fazer. Não importa que posição ocupem, porém, revelam um talento extraordinário para se alçar às demandas mesmo nas mais impossíveis situações. “Isto não dá para ser feito” é um desafio para o ENTP e provoca nele a reação “Sim, eu posso”.

4.3 INTJ (*Mastermind*)

Todos NTs são bons em planejar operações, mas os INTJs estão muito acima de todos no planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e estágios, um depois do outro em uma progressão necessária, e os INTJs são naturalmente habilitados a compreender como cada um leva ao próximo, e a preparar alternativas para as dificuldades que podem aparecer a qualquer passo do caminho. Tentando antecipar todas as contingências, nunca iniciam seu projeto atual sem um Plano A definido em mente, mas eles sempre estão preparados para trocá-lo para o Plano B ou C ou D – se necessário.

INTJs são raros, compreendem não mais que um ou

dois por cento da população, e são raramente encontrados fora dos escritórios, fábricas, escolas ou laboratórios. Embora sejam altamente capazes de liderar, não desejam tomar o comando, preferindo permanecer nos bastidores enquanto outros demonstram suas inabilidades em liderar. Uma vez que eles assumam, no entanto, eles são pragmáticos minuciosos. INTJs têm certeza de que a eficiência é indispensável numa organização bem-sucedida, e se eles encontram ineficiência – e qualquer desperdício de recursos humanos ou materiais – são rápidos em realinhar as operações e designar novas pessoas. Não se sentem atados por regras e procedimentos estabelecidos, e autoridades tradicionais não os impressionam, assim como slogans ou frases feitas. Somente ideias que fazem sentido para eles são adotadas; as que não fazem sentido, não o são, independentemente de quem as tenha tido. Lembre-se, seu objetivo é sempre o máximo de eficiência.

Em suas carreiras, usualmente os INTJs despontam em posições de responsabilidade, porque trabalham duro, por longo tempo, e se dedicam a perseguir seus objetivos, não poupando nem seu tempo, nem esforço, nem o de seus colegas e empregados. Resolver problemas é altamente estimulante para eles, que amam trabalhar com sistemas complexos que demandam cuidadosa análise. Geralmente, verbalizam o positivo e evitam comentários de natureza negativa. São mais interessados em levar uma organização adiante do que deter-se diante dos erros do passado.

INTJs tendem a ser mais definitivos e autoconfiantes que os outros NTs, tendo uma forte determinação. As decisões são fáceis para eles; de fato, eles mal podem descansar até

que tenham tudo definido e resolvido. Mas antes que decidam qualquer coisa, eles precisam fazer pesquisa. São altamente teóricos, mas insistem em examinar todos os dados disponíveis antes de abraçar uma ideia, e desconfiam de qualquer declaração baseada em uma pesquisa de má qualidade, ou que não foi checada em confronto com a realidade.

4.4 ENTJ (*Fieldmarshal*)

Dentre os quatro aspectos da definição e análise estratégicas é o papel de comando, organização situacional que alcança o seu ápice e maior desenvolvimento no ENTJ. E como o desempenho desse papel demanda gerenciamento sob contingência, a segunda característica do intelecto deste tipo é divisar planos de contingência. A engenharia estrutural e funcional, embora praticada em algum grau ao longo das operações organizacionais, tendem a não ser bem desenvolvidas e logo são ultrapassadas com o rápido crescimento de habilidades em organização. Mas é preciso dizer que qualquer tipo de exercício estratégico tende a trazer maior força à engenharia, bem como habilidades de organização.

Cerca de 2% da população, os ENTJs são voltados a liderar outras pessoas, e desde crianças podem ser observados assumindo o comando de grupos. Em alguns casos, eles simplesmente encontram-se no comando de grupos, e ficam intrigados sobre como isso aconteceu. Mas a razão é que eles têm um forte desejo natural para dar estrutura e direção onde quer que estejam – para aproveitar as pessoas

disponíveis e encaminhá-las para alcançar objetivos distantes. Assemelham-se aos ESTJ em sua tendência para estabelecer planos para uma tarefa, empresa, ou organização, mas ENTJs procuram mais por políticas e objetivos do que regulamentos e procedimentos.

É impossível para eles não construir organizações, e não podem deixar de impelir para implementar seus objetivos. Quando no comando de uma organização, seja no serviço militar, negócios, educação, ou no governo, mais do que qualquer outro tipo desejam (e geralmente têm a capacidade) de visualizar para onde a organização está indo, e eles parecem ser capazes de comunicar essa visão para outros. Suas habilidades organizacionais e de coordenação tende a ser altamente desenvolvidas, o que significa que é de esperar que sejam bons em sistematizar, ordenar prioridades, generalizar, resumir, articular argumentos e demonstrar suas ideias. Sua capacidade de organizar, no entanto, pode ser mais desenvolvida do que a sua capacidade de analisar, e o líder ENTJ pode precisar de recorrer a um ENTP ou INTP para fornecer esse tipo de contribuição.

ENTJs geralmente vão subir para posições de responsabilidade e gostam de ser executivos. Eles são incansáveis no devotamento a seu trabalho e podem facilmente bloquear outras áreas da vida por causa da profissão. Administradores excelentes em qualquer campo – medicina, direito, negócios, educação, governo, militares – organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando com antecedência e mantendo os objetivos de curto prazo e de longo alcance bem em mente. Para o ENTJ deve haver sempre uma razão direcionada para fazer qualquer coisa, e os sentimentos das

peças geralmente não são razão suficiente. Eles preferem que as decisões sejam baseadas em dados impessoais, querem trabalhar em planos bem pensados, gostam de usar operações de engenharia – e esperam o mesmo dos outros. Eles estão sempre com a intenção de reduzir a papelada da burocracia, redundância de tarefas e confusões no local de trabalho, e estão dispostos a demitir funcionários que não sintonizem com o programa e não contribuam para sua eficiência. Embora sejam tolerantes com os procedimentos estabelecidos, eles podem e irão abandonar qualquer procedimento que se revelar ineficaz no cumprimento dos objetivos. ENTJs rejeitam e eliminam a ineficácia e ineficiência, e são impacientes com a repetição de erros.

V – Tipologia de Keirsey e três grandes clássicos da religião: Bento de Núrsia, Francisco de Assis e o apóstolo João (e uma nota sobre Confúcio e Laozi)

Jean Lauand¹⁰

Enio Starosky¹¹

Sylvio Horta¹²

Neste estudo contemplamos atitudes religiosas e sapienciais remetendo-as aos tipos de Keirsey.

1. O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos

10. Autor das partes 1 e 2.

11. Autor da parte 3, referente ao apóstolo João, originalmente apresentada em maio de 2017 como seminário da disciplina “Religião, sociedade e mundo bíblico”, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia no PPGCR da UMESP.

12. Autor da parte 4.

tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar o (já mencionado anteriormente, como expoente do fator S) Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada

Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média,

e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo

era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnavais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “– Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer,

fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “– Ô, camufla!”. “– !?!””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como “astro luminoso”, [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da “noite escura da história” (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos “Europa”. (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra*

para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiães das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

É, tipicamente, a oposição entre o ISTJ, o beneditino da Regra e, digamos, o NF do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os inexpressivos “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metucioso”.

2. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como, retomando o que já apontamos, em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama,

movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa

cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua com-paixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este conquista Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946

consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.

Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesíásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão

estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia.

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

– a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

– o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

– Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia

desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

– “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

3. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina – um tipo INFP

O “discípulo amado” (expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.¹³

13. “Os doze apóstolos”. Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.¹⁴ De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a interpretação literal: “*As palavras que vos falei são espírito e vida*”, têm sentido figurado profundo e vital.¹⁵

14. O Dr. Paulo Roberto Garcia, em aula do curso acima referido.

15. PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5 Acesso em: 01/05/17.

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés – que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado um interessante princípio paulino: “**Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns**” (1 Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu “jeito de ser” (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que “*por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*” (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o “*modus vivendi*” das comunidades que liderou.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente

o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado” NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “*bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que vêem e pessoas que vêem mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência “A experiência com a cegueira”:

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse “todo mundo” reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego.

Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por

gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “o discípulo amado”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha forte inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou

chamar de “sinais” (sêmeion) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann¹⁶ tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível.

Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”)

16. CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQ1ZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.(vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a

linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);
6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu

não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)

7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (vs.21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso de João, um gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirsejana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura – ao lado das demais apresentadas neste artigo – que ajuda a compreender (*verstehen*) melhor o seu estilo pessoal.

4. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa

Se Bento é o “fundador” da Europa, o que dizer da incomensurável influência de Confúcio no Extremo Oriente?

Tal como Bento, Confúcio recebe também uma ordem do Céu, como ele mesmo diz na famosa passagem dos *Analectos* (II, 4). E vai em busca de resgatar a Tradição dos Antigos e codificá-la em suas edições. Confúcio marcará por milênios a educação oriental, pautada por ritos (tal como Bento com sua Regra). Ritos que, na mente do Mestre, longe de serem rituais vazios, são instâncias de *reverência* (Livro dos Ritos I, 1), da devida reverência. Na autorizada interpretação de Sproviero (1998):

A tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Também no caso de Confúcio, espírito grandioso, a sabedoria supera a mera codificação e introduz a necessária flexibilidade, ponto que gostaria de ressaltar nesta Nota. Como se lê nos *Analectos*:

7.14 The Master heard the shao music when he was in Qi. For the next three months, he did not notice the taste of meat. He said, "I never imagined that music could be this beautiful."

7.19 The Governor of She asked Zilu about Confucius, and Zilu gave no answer. The Master later said to Zilu, "Why didn't you simply say that he is the sort of person who forgets to eat when pursuing a question, who forgets to worry when suffused with joy, and who does not note that old age is coming?"

11.26 Zilu, Zeng Xi, Ran You [Ran Qiu], and Gongxi Hua were seated in the Master's company. The Master said, "Just because I am a little older than you are, don't let that stop you [from speaking your mind]. You have often said, 'No one understands me.' If someone did understand you [and appreciate you], what would you do then?" Zilu quickly offered a response: "If I were to govern a state of a thousand chariots, one that was squeezed between two powerful states, worn out by unwanted warfare, and made even weaker by famine, I would be able, within three years, to give the people courage and let them know the right way to put their lives in order." Confucius smiled at him.

"And Qiu [Ran Qiu], what about you?" "If I were put in charge of a place measuring sixty or seventy li square, or even fifty to sixty li square, I would be able, within three years, to meet the people's needs. As for the practice of rites and music, I will have to leave them to the

gentlemen.” “What about you, Chi [Gongxi Hua]?” “I am not sure if I can do this well, but I am willing to learn. I would like to be a minor official, assuming the role of either an assistant in ritual affairs at the ancestral temple or a junior diplomat, dressed in a black robe and ceremonial cap, at a conference of the regional rulers.” “And you, Dian [Zeng Xi]?” Zeng Xi had been playing the zither. Now his playing was coming to the end. With the last note still vibrating in the wind, he put down his instrument, stood up, and said, “What I would like to do is different from what we have just heard from these three.” *Confucius said, “There is no harm in that. We are all telling each other what’s on our mind.” Zeng Xi replied, “In late spring, when the spring clothes have just been made, with five or six young men or six or seven young boys, I would like to go bathing in the River Yi and enjoy the breeze at the rain prayer altar, and then come home singing.” Confucius sighed and said, “I am for Dian.”*

14.32 Weisheng Mu said to Confucius, “Qiu, why are you always hopping around? Could it be that you are practicing the glibness [of a persuader]?” Confucius said, “I would not dare to be glib [ning]. It is just that I worry about getting stuck in one place and with just a single point of view [gu].”

E no *Records of the Grand Historian de Sima Qian*:

Confucius got separated from his disciples. So he stood alone by the east gate of the city wall. A man of Zheng, who had seen him there, later remarked to Zigong, “There is a man by the east gate. He has the forehead of the sage ruler Yao, the neck of the supreme arbiter Gao Yao,

XX

não ao estudo e foi-se a inquietação
“sim” e “pois não” quanto se distinguem?
bem e mal como se distinguem?
o que os homens temem não se pode não temer?
estéril! esse nem sim nem não

(http://www.hottopos.com/tao/dao_de_jing01.htm)

Referências bibliográficas

ALTMANN, Walter (ed.). *Rudolfo Bultmann: crer e compreender*. São Leopoldo: Editora Sinodal: 1986, Série Teologia Sistemática a-9, pp.223-229.

BENTO XVI. “São Bento de Núrsia” . Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2^a ed. Barueri SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1993.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CÂMARA CASCUDO. *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas. 2004.

CULLMANN, O. *Der Johaneische Gebrauch doppeldeutiger Ausdrücke als Schlüssel zum Verständnis des vierten Evangeliums*: TZ 4 (1948) 360-372

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

GARCIA, Paulo Roberto. “Isto é meu corpo – Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo”. *Revista Caminhando*. Universidade Metodista de São Paulo, 2007, v.12, n. 20.

GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

_____. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

LAUAND, J. Sérgio. *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean. “Dois ilustres medievalistas”. *O Estado de S. Paulo*, 11 de março de 1988, p. 29.

_____. A expressividade do brasileiro. *Revista Internacional d’Humanitats*, n. 28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-03-16.

_____. *Vigencia e Educação – a Ditadura da Extroversão*. *Videtur*, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MARÍAS, J. “A Moralidade Coletiva”, conferência proferida em Madrid em 15-04-98, em: http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8,31-59*. Tese Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

PIEPER, Josef “A experiência com a cegueira”. **Videtur** N. 12, 2000. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*, São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Poesia Reunida*. 2^a. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.

SARTRE, J.-P. *A Náusea*: Lisboa, Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. *Personalidade e Escolha Profissional* – subsídios de Keirse e Bates para a orientação Vocacional, São Paulo: EPU, 1992, pp. 39-40.

SPROVIERO, Mario Bruno. Confúcio e a Revelação Primitiva. *Mirandum* n. 5, mai-ago 1998 <http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>

Este livro foi composto pela Factash Editora,
na fonte Southern, corpo 11/16.
Os títulos e subtítulos na fonte Althea,
corpo 18 e corpo 14, respectivamente.

Impresso no verão de 2018,
pela Gráfica Daikoku
(11) 5073-0966